

ESTUDO DA LÍNGUA PORTUGUESA A PARTIR DO GÊNERO TEXTUAL CARTA DO LEITOR¹

THE STUDY OF BRAZILIAN PORTUGUESE FROM THE PERSPECTIVE OF THE LETTER TO THE EDITOR AS A TEXTUAL GENRE

Daniela Leite Rodrigues²
Mestre em Estudos Linguísticos
Universidade Federal de Santa Maria
(danielarodrigs@hotmail.com)

Patrícia Packaeser de Arruda³
Universidade Federal de Santa Maria
(patipackaeser@yahoo.com.br)

RESUMO: O ensino dos conteúdos de português torna a aprendizagem difícil, criando a ilusão de que os brasileiros não o sabem. Este trabalho tem por objetivo apresentar subsídios teóricos e metodológicos para realizar atividades de leitura e análise do gênero carta do leitor em aulas de português. Para isso, são realizadas análises contextual e textual de três exemplares publicadas no Jornal Zero Hora. As análises são realizadas com base nas variáveis do contexto de situação (HALLIDAY, 1989). Na análise textual, são analisados os aspectos linguísticos quanto aos fatores de textualidade (KOCH e TRAVAGLIA, 1989) e às marcas linguísticas mais recorrentes nesses exemplares. A análise demonstrou que a informatividade dos textos é baixa; a situacionalidade e a intencionalidade são altas; a intertextualidade está presente; a aceitabilidade é média. Os produtores empregaram marcas linguísticas como modalizadores, operadores lógicos e argumentativos e índices de avaliação. O estudo evidenciou que esses textos estão inseridos num contexto situacional em que houve interação entre a editoria da seção e os produtores das cartas. A partir desse estudo, espera-se fomentar o uso do gênero textual carta do leitor no contexto escolar, auxiliando na conscientização da aprendizagem da língua materna.

Palavras-chave: Carta do leitor; Contexto; Fatores de textualidade; Gênero textual; Língua portuguesa.

ABSTRACT: Teaching Brazilian Portuguese can turn learning into a hard task, which suggests that learners are not able to understand the language as a whole. The purpose of the present paper is to produce a theoretical framework and a methodological approach to the analytical reading activities of the letter to the editor as a textual genre in Brazilian Portuguese classes. An amount of three letters to the editor published by the local newspaper Zero Hora were textually and contextually analyzed. The analyses were based on the situational context variables (HALLIDAY, 1989), as well as on the linguistic aspects related to the factors of textuality (KOCH e TRAVAGLIA, 1989) and to the most recurring linguistic markers. The analyses of the texts have demonstrated that the level of informativity is low, the levels of situationality and intentionality are high, intertextuality is present, and acceptability is normal. The writers have applied linguistic markers, such as modalizers, logical-argumentative operators, and evaluation indexes. The present study suggests that the letter do the editor is placed in a situational context of interaction between the editors and the

¹ Artigo produzido na disciplina Gêneros e Leitura do curso de Letras Português / UFSM, na modalidade a distância, sob orientação da Profa. Dra. Cristiane Fuzer, do Departamento de Letras Vernáculas da UFSM (cristianefuzer@gmail.com).

² Mestre em Letras pela UFSM, tutora da disciplina de Gêneros e Leitura – I/2013 e coorientadora deste trabalho.

³ Acadêmica do 7º semestre do curso de Letras Português e Literaturas da UFSM.

writers. The aim of the study is to encourage the use of the letter to the editor as a textual genre in class, thus raising awareness about the learning process of the mother tongue.

Keywords: Letter to the Editor; Context; Factors of Textuality; Textual Genre; Brazilian Portuguese

Introdução

Por que a maioria dos brasileiros pensa que não sabem português?

Todo falante nativo de uma língua *sabe* essa língua. Saber uma língua, no sentido científico do verbo *saber*, significa conhecer intuitivamente e empregar com naturalidade as regras básicas de funcionamento dela (BAGNO, 1999, p. 35).

Os brasileiros nativos aprendem desde criança o português e, mesmo assim, muitos o consideram uma língua estrangeira no que se refere à aplicabilidade da língua nas situações cotidianas de sua vida. Pesquisas do Instituto Paulo Montenegro, órgão que mede o Índice de Analfabetismo Funcional (INAF) no Brasil, no período compreendido entre 2011 e 2012, constataram que 27% da população, entre 15 e 64 anos, não tem habilidades de leitura e escrita compatíveis com a sua escolaridade, ou seja, são analfabetos funcionais. Será que isso ocorre porque o ensino de Língua Portuguesa se dá de forma fragmentada e descontextualizada?

Provavelmente sim, pois a realidade escolar mostra que a maioria dos alunos não consegue unir a teoria à prática de uso. A partir de constatações como essas, com o intuito de melhorar o ensino no Brasil e considerando a necessidade de construir referências nacionais ao processo de ensino em todas as regiões brasileiras, o MEC lançou em 1998 os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), com o objetivo de

Servir de apoio às discussões e ao desenvolvimento do projeto educativo de sua escola, à reflexão sobre a prática pedagógica, ao planejamento de suas aulas, à análise e seleção de materiais didáticos e de recursos tecnológicos e, em especial, que possam contribuir para sua formação e atualização profissional (BRASIL, 1998, p. 5).

Assim sendo, os PCN propõem um conjunto de diretrizes curriculares a ser trabalhado pelos professores, em diversas áreas, a fim de melhorar o ensino no Brasil. Quanto ao ensino de Língua Portuguesa (LP), esse documento recomenda que seja a partir dos gêneros textuais:

Quando um sujeito interage verbalmente com outro, o discurso se organiza a partir das finalidades e intenções do locutor, dos conhecimentos que acredita que o interlocutor possua sobre o assunto, do que supõe serem suas opiniões e convicções, simpatias e antipatias, da relação de afinidade e do grau de familiaridade que têm, da posição social e hierárquica que ocupam. Isso tudo determina as escolhas do gênero no qual o discurso se realizará, dos procedimentos de estruturação e da seleção de recursos linguísticos (BRASIL, 1998, p. 21).

Partindo-se do princípio de que o objeto de ensino e aprendizagem é o conhecimento linguístico e discursivo que o sujeito utilizará para participar das práticas sociais mediadas pela linguagem, o ensino e análise de gêneros textuais são imprescindíveis para a assimilação da língua e, também, uma forma de aproximar os conteúdos da língua materna ao pragmatismo do cotidiano do aluno.

Dessa forma, esse estudo pretende mostrar que, através da análise de gêneros, em sala de aula, os conteúdos estudados na escola têm uma funcionalidade no seu contexto diário, sendo uma das maneiras de materializar o conhecimento linguístico. O professor, ao propor exercícios de reconhecimento de recursos linguísticos (conjunções, locuções adverbiais, operadores argumentativos, entre outros) em um gênero específico, como a carta do leitor de mídia impressa ou digital, poderá considerar a funcionalidade desses elementos na constituição do texto.

De acordo com Bezerra (2010), é possível afirmar que os alunos leem seções variadas de jornais e revistas, sendo, dessa forma, viável trabalhar com o gênero textual carta do leitor, visto que eles já conhecem o tema abordado, podendo posicionar-se em relação a ele, apropriar-se do registro formal da língua e da composição desse gênero textual.

Dessa forma, o aluno perceberá que os conteúdos abordados nas aulas de Língua Portuguesa são uma forma de nomear e classificar os elementos empregados na prática, e que “a relevância do estudo gramatical está na exploração e explicitude de seus usos, das regularidades desses usos, do funcionamento da língua, o qual, como vimos, é forçosamente textual-discursivo” (ANTUNES, 2012, p. 117). Além disso, a partir da significação no cotidiano, esse conhecimento pautado na vivência do aluno poderá auxiliá-lo na sua interação, seja textualmente, com os meios de comunicação escrita como jornais e revistas da escola, do bairro, da cidade, seja oralmente, com seus pares, melhorando sua expressão ao expor sua

opinião ou ao desenvolver e aplicar eficientemente os recursos da Língua Portuguesa (LP). Sobretudo, será um modo de aprender a relacionar uma leitura a outras já realizadas, atribuindo uma operacionalização e uma função ao que é assimilado em aula. Trabalhar a língua a partir dos gêneros textuais vai de encontro à perspectiva tradicional de ensino, na qual o estudo de LP baseia-se na abordagem isolada dos conteúdos de morfologia, semântica, sintaxe, interpretação e produção de textos. Acerca dessa tradição, Rubens Alves constata, na Escola da Ponte, em Portugal, que

Os programas de aprendizagem a que nossas crianças e nossos adolescentes têm de se submeter nas escolas são iguais à aprendizagem de receitas que não vão ser feitas. Receitas aprendidas sem que vá se fazer o prato são logo esquecidas. A memória é um escorredor de macarrão. O escorredor de macarrão existe para deixar passar o que não vai ser usado: passa a água, fica o macarrão. Essa é a razão por que os estudantes esquecem logo o que são forçados a estudar. Não por falta de memória. Mas porque sua memória funciona super bem: não sei pra que serve; deixo passar... (ALVES, 2001, p. 58).

Em vista disso, a fim de evidenciarmos a perspectiva de ensino de LP a partir do estudo de gêneros textuais, apresenta-se uma proposta de aplicação didática do estudo do gênero carta do leitor em sala de aula. Para nortear esse trabalho, abordam-se algumas noções teóricas sobre gêneros textuais, além da caracterização do gênero carta do leitor. Em seguida, apresenta-se a análise textual e contextual de três exemplares das cartas do leitor. O intuito é proporcionar subsídios teóricos e metodológicos para realizar atividades com esse gênero em aulas de português.

Pressupostos teóricos

Nesta seção, abordam-se alguns conceitos teóricos necessários para fundamentar a análise das cartas do leitor. Inicialmente, são apresentadas as noções acerca de gêneros textuais; logo após, são consideradas as características do gênero em estudo – carta do leitor; em seguida, são considerados os conceitos que norteam o modo de organização predominante nesse objeto de estudo; por fim, é evidenciada a importância da análise do contexto na prática discursiva.

Gêneros textuais, domínios discursivos e texto

Inicialmente, faz-se necessário diferenciar os conceitos Gênero Textual *versus* Domínios Discursivos. Como menciona Marcuschi (2010, p. 19) “os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social”. Nessa perspectiva, qualquer ato comunicativo, independente do meio utilizado, será realizado através de gêneros textuais em domínios específicos.

Tal definição está em acordo com a conceituação de Bakhtin (2003) para gêneros discursivos, na qual o “tipo de enunciado” está intrinsecamente relacionada a sua “esfera de utilização”.

Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso (BAKHTIN, 2003, p. 279).

Miller (1984) corrobora esses conceitos atribuindo a definição de “domínio discursivo” ao que Bakhtin denomina “esfera de utilização da língua”.

[Gêneros] São formas verbais de ação social estabilizadas e recorrentes em textos, situados em comunidades de práticas em domínios discursivos específicos. [...] São entidades dinâmicas, históricas, sociais, situadas, comunicativas, orientadas para fins específicos, ligadas a domínios discursivos recorrentes e estabilizadas em formatos mais ou menos claros (MILLER, 1984, p. 159).

Marcuschi (2010, p. 19) sintetiza tais conceitos considerando gêneros como “elementos altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos que surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas” e domínio discursivo como “esfera ou instância de produção discursiva ou de atividade humana” (MARCUSCHI, 2010, p. 24). Segundo o autor, esses “domínios não são textos nem discursos, mas propiciam o surgimento de discursos bastante específicos” (MARCUSCHI, 2010, p. 24). Sendo assim, as pessoas fazem uso de determinados gêneros em situações específicas. Como exemplo, podem-se citar os leitores de jornais/revistas que utilizam, no domínio discursivo jornalístico opinativo, o gênero carta do leitor para expor sua opinião, crítica ou contribuição a algum assunto abordado nesse meio de comunicação.

Em relação às definições até agora abordadas, faz-se necessário

esclarecer o conceito de texto. De origem Latina, a palavra define-se como tecer ideias, sendo que podem ser verbais ou não verbais. Para Marcuschi (2010, p. 25), “texto é uma entidade concreta realizada materialmente e corporificada em algum gênero textual”. Já para Bakhtin (2003, p. 331), “todo texto tem um sujeito, um autor (que fala, escreve)”.

Tendo em vista que os textos possuem um autor que se manifestam por meio de gêneros, e que estes se realizam em um domínio discursivo específico, os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) surgem para nortear o trabalho com texto em sala de aula propondo uma abordagem didática centrada no ensino de LP a partir de gêneros textuais. Assim, se bem conduzidos pelos professores, atividades com o gênero carta do leitor, por exemplo, podem ser um instrumento para pragmatizar o ensino da Língua Portuguesa no ambiente escolar.

Carta do leitor

De acordo com Melo (1999, p. 14), a carta do leitor caracteriza-se por ausência de contato imediato entre emissor e destinatário. É “um gênero complexo, muito amplo, incluindo uma diversidade de textos e de propósitos nela encontrados”.

Em contrapartida, segundo Paredes Silva (1997, *apud* Melo, 1999), a carta do leitor é considerada um gênero secundário do gênero maior “cartas”, pois ela trata de um tipo específico de interação social – leitor/jornal. Além disso, por estar inserida no contexto de um jornal ou revista, esse gênero adquire características particulares: pode ser editada antes de sua publicação (ser resumida e/ou parafraseada ou ter informações eliminadas), implicando em modificações do texto original, podendo configurar-se como uma carta de coautoria (do leitor e do jornalista). Em função disso, geralmente, configura-se como um texto conciso, ou seja, claro e sucinto.

Por estar num contexto jornalístico, esse gênero está inserido em seção fixa, reservada à correspondência dos leitores, quer via e-mail quer via correio, denominadas: Do leitor (Jornal Zero Hora), Painel do Leitor (Jornal Folha de São Paulo), Fórum de Debates (Jornal O Estado de São Paulo), Cartas dos Leitores (O Globo), por exemplo. Por esse motivo, é um texto em que há ausência de contato imediato entre remetente e destinatário, que não se conhecem, cujo objetivo principal é opinar, agradecer, reclamar, solicitar, elogiar, criticar etc.

As cartas dos leitores, frequentemente, abordam temas atuais, divulgados em edições anteriores. Alguns jornais, como, Zero Hora, do Grupo RBS, costumam propor um tema por edição. Outros, como Folha de São Paulo, deixam os leitores livres para comentar as matérias anteriores. Conforme Paltridge (2006), os assuntos das cartas do leitor são provenientes de outros gêneros, como editoriais, artigos de opinião, notícias etc. Dessa forma, a carta do leitor é mais do que uma reação a um único texto, é uma reação a outros textos e/ou eventos, permitindo uma relação entre dois ou mais textos, o que evidencia sua intertextualidade.

Isoladamente, a carta do leitor não apresenta informações novas, ou seja, o posicionamento do leitor-remetente pode ser considerado previsível. Contudo, a carta fornece em poucas linhas um *feedback* da opinião dos leitores sobre o que está sendo tratado em outros gêneros, o que permite considerar a carta como integrante de um sistema de gêneros do domínio jornalístico.

Assim, consideramos que a carta do leitor, por ser um texto claro e breve, auxilia tanto o professor quanto o aluno ao estabelecer um sentido à língua. Independente do tamanho do texto, o leitor-remetente pode utilizar mais de um modo de organização textual, por isso, na próxima seção, será apresentado o tipo que predomina no gênero carta do leitor.

Modos de organização textual

Consideramos que todo texto corresponde a uma atividade social dentro de um contexto específico, sendo que sua organização varia de acordo com sua função. Para Marcuschi (2010), um texto, em geral, é tipologicamente variado (heterogêneo) e um gênero pode se realizar através de mais de um tipo textual. Mesmo assim, sempre tem um tipo que predomina, e é em vista desse que podemos classificar o gênero quanto ao modo.

De acordo com Werlich (1973, *apud* Marcuschi, 2010), há cinco bases temáticas textuais típicas que dão origem às tipologias: a descritiva (predomina sequências de localização), a narrativa (o elemento central é a sequência temporal), a expositiva (apresenta sequências analíticas ou explicitamente explicativas), a argumentativa (predomínio de sequências contrastivas explícitas) e a injuntiva (apresenta sequências imperativas).

Na carta do leitor, o modo que predomina é o argumentativo, pois,

geralmente, o leitor quer expressar seu posicionamento sobre os assuntos abordados, com o intuito de convencer e persuadir os destinatários do texto. Além disso, verifica-se que a carta do leitor se centra na opinião, nos sentimentos do emissor, logo o leitor/remetente emprega, geralmente, a primeira pessoa do singular, nas formas verbais ou pronominais.

Para expressar sua opinião, por meio de um texto com sentenças lógicas e semanticamente compreensíveis, o produtor das cartas precisa levar em conta os fatores de textualidade: intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade e intertextualidade (elementos pragmáticos); além da coesão e da coerência (elementos linguísticos-semânticos).

De acordo com Oliveira (2010, p. 92), “os elementos pragmáticos têm a ver com as atitudes dos usuários dos textos e com o contexto de produção e recepção textual”. Oliveira (2010) explica que a intencionalidade é o elemento relacionado aos objetivos do produtor e a tudo o que ele faz para atingi-los. A aceitabilidade (OLIVEIRA, 2010) diz respeito à forma como o leitor recebe o texto, observando a importância do público-alvo para adequação da linguagem. A situacionalidade para Beaugrande e Dressler (1997, *apud* Oliveira, 2010, p. 96) “diz respeito às circunstâncias sob as quais um texto é produzido e lido, as quais influenciam profundamente o escritor e o leitor”. A informatividade é o “grau de novidade ou de imprevisibilidade que um texto tem para seus receptores” (Beaugrande e Dressler, 1997, *apud* Oliveira, 2010, p. 96). Já intertextualidade na concepção de Beugrande e Dressler (1997, *apud* Oliveira, 2010) refere-se a relação de dependência que se estabelece entre os processos de produção e recepção de um texto e os conhecimentos que os participantes têm de textos a eles relacionados.

Os elementos linguísticos-semânticos (coesão e coerência) são fundamentais para a construção do texto. A coesão textual (OLIVEIRA, 2010, p. 91) “é o fator de textualidade para qual confluem mais explicitamente os conhecimentos linguísticos, i.e., a competência gramatical, do leitor e do escritor”, resumidamente pode ser vista como a 'sintaxe do texto' (OLIVEIRA, 2010). Já a coerência de acordo com Koch (2004, p. 43, *apud* Oliveira, 2010, p. 89) “resulta de uma construção dos usuários do texto, numa dada situação comunicativa, para a qual contribuem, de maneira relevante, todos os outros fatores de textualidade”.

Para tornar um texto coeso e coerente, Koch (2002a *apud* Cordeiro, 2012)

ressalta a necessidade do uso de operadores para determinar uma orientação argumentativa. Assim, ao se manifestar na carta do leitor, o leitor/remetente deixa marcas evidentes de sua posição, através do uso de operadores lógicos para convencer os destinatários através da exposição de argumentos baseados na razão (conjunções ou locuções que expressam relações de causa/consequência, condição/conclusão, oposição, finalidade, proporção, etc.); uso de operadores argumentativos com o intuito de reforçar seu posicionamento (expressões como “não só... mas também”, “tanto...como/quanto”, “ainda”, “além disso”; “aliás”; “inclusive”; “só”, “somente”; “ou seja”, “isto é”; “em decorrência”, “consequentemente”, “mais que/menos que”, entre outros). O autor da carta pode, ainda, demonstrar seu grau de comprometimento por meio dos modalizadores do eixo da possibilidade (“eu creio”, “eu acho”, “é possível”, “talvez”) ou do eixo da certeza (“é verdade que”, “com certeza”, “sem sombra de dúvida”).

Em decorrência disso, ele se valerá dos índices de avaliação para concordar ou não com o assunto em pauta. Além desse recurso, ele pode optar pela seleção lexical, pelo uso de adjetivos ou verbos que justifiquem seu ponto de vista, entre outros marcadores. Todos esses elementos linguísticos interligam o texto, veiculando um sentido. Essa “costura” é a coesão e, ao adequarmos as frases no texto, significando-as na situação comunicativa, tornamos esse texto coerente.

Com base nesses subsídios para expor opinião, fica evidente a segunda função da linguagem na carta do leitor: conativa ou apelativa. O emissor quer que o receptor compartilhe e/ou aceite suas ideias. Alguns desses textos fazem uso de perguntas para envolver o leitor, isto é, manifestar a opinião do EU e incluir o TU no espaço de discussão. Essas duas funções precisam de um assunto/ contexto, confirmando a terceira função: referencial ou denotativa para manifestação desse gênero, no caso o contexto jornalístico. Com o cumprimento dessas três funções elaboradas por Jakobson (2005), confirma-se que o modo de organização que predomina nesse gênero é argumentativo.

Em vista dessas constatações, na próxima seção, verificar-se-á como os dados contextuais contribuem para a construção e análise do sentido de um texto.

Variáveis contextuais

Tendo em vista que a realização de um texto precisa de um contexto de

situação para ocorrer, Halliday (1989) descreve o que é linguisticamente importante nesse contexto, por meio das noções de campo, relação e modo. De acordo com esse autor, pode-se utilizar as seguintes perguntas para determinar as variáveis do contexto:

a) Para achar o campo, faz-se a seguinte pergunta “Sobre o que o texto trata?” (refere-se à natureza da atividade social);

b) Para achar a relação, pergunta-se “Quem são os participantes no discurso? Qual a relação deles e seus propósitos?” (refere-se aos participantes da interação);

c) Para achar o modo, busca-se responder “Qual é o canal (fônico ou gráfico)? Meio da mensagem (falado ou escrito)? E o modo retórico (persuasivo, expositivo, etc.)?” (refere-se ao papel da linguagem).

Cada uma das respostas configura uma das três variáveis contextuais. Segundo a perspectiva de Halliday (1989), as variáveis são responsáveis por antecipar informações do texto, tornando-as essenciais a qualquer análise textual a fim de conceber gênero como prática social.

Metodologia

Para desenvolver esse estudo, foram selecionados como *corpus* três exemplares do gênero carta do leitor. Esses textos foram publicados na Seção “Do Leitor”, da edição impressa do Jornal Zero Hora, em 08 de junho de 2013.

O tema para debate dos leitores, proposto pelo jornal na referida edição, foi “O papa Francisco critica as famílias católicas que optam por ter apenas um filho. Você concorda com o pontífice, segundo o qual a escolha se dá por ‘conforto’?”.

Seguem dados do *corpus* em estudo:

C1 – Carta de Luiz Eduardo Schmidt / Porto Alegre - RS

C2 – Carta de Pedro Castelli / São José do Rio Preto – SP

C3 - Carta de Daniela Jantsch / Taquari - RS

De posse desse *corpus* (C1, C2 e C3), a análise das cartas do leitor organizou-se em duas etapas, descrição contextual e análise textual. Na primeira

etapa, a análise do contexto buscou evidenciar as variações contextuais campo, relação e modo, de acordo com a proposta de Halliday (1989). Na segunda etapa, a análise textual buscou identificar os aspectos linguísticos relevantes que dizem respeito aos fatores de textualidade e às marcas linguísticas mais recorrentes nos textos escolhidos.

Para facilitar a identificação dos elementos na análise textual, que será detalhada na Seção 4.2, adotou-se o critério de sublinhar os termos modalizadores; deixar em negrito, os índices de avaliação; em itálico e negrito, os operadores lógicos; e em itálico, os operadores argumentativos.

Após as análises, estabeleceram-se relações com as características do gênero carta do leitor, apresentadas na subseção 2.2 deste trabalho. Assim, com base nessas considerações, seguem, na seção 4, os resultados obtidos.

Análise e discussão dos resultados

Para concretizar a análise e discussão dos resultados, seguem abaixo os exemplares de cartas do leitor que constituem o *corpus* deste artigo.

“Concordo em parte: acredito que ele foi **brando** ao deixar de falar da cultura do medo que se encontra na sociedade **e afeta** os jovens casais. **E**, *ao mesmo tempo*, **duro** ao supor *apenas* “conforto”, quando existem *ainda* desinformação, falta de apoio público às famílias **e** sobrecarga da jornada das mães, especialmente as que trabalham.” Luiz Eduardo Schmidt / Porto Alegre - RS (C1)

“O papa tem o direito de criticar, **pois** é o chefe supremo da Igreja Católica. **Mas**, na realidade atual, eu acho que deveria ser consenso ter *menos* filhos.” Pedro Castelli / São José do Rio Preto - SP (C2)

“O papa Francisco, **há muito tempo**, vem criticando esta **ou** aquela opção dos seus fiéis. **Uma coisa** é criticar, **outra coisa** é pagar a conta. Tenho **apenas** uma filha, penso em ter mais filhos, **mas** a vontade **emperra** em vários fatores. E acredito que se a pessoa tem um **mínimo** de juízo, deve pensar bem antes de resolver dar sua contribuição para humanidade.” Daniela Jantsch / Taquari – RS (C3)

A seguir, nas subseções 4.1 e 4.2, serão apresentados, respectivamente, os dados contextuais e textuais, identificados nos exemplares analisados.

Descrição contextual

Para descrever o contexto em que se inserem os três exemplares,

consideraram-se as variáveis de Halliday (1989). Quanto à determinação da variável campo, os textos têm como fonte o Jornal Zero Hora, um dos oito jornais diários do Grupo RBS. Esse jornal foi fundado em 1964, estando disponível tanto no formato impresso quanto no digital. Conforme dados disponíveis no site do próprio Grupo, é o periódico “líder em leitura e circulação no Rio Grande do Sul”.

Ainda na variável campo, em relação à seção em que se encontram as cartas dos leitores, ela existe desde a fundação do jornal. Já foi denominada “Espaço Livre”, “Palavra do Leitor” e “O Rio Grande Quer Saber”. Na última reformulação, em 2013, as cartas passaram a ser disponibilizadas na página “Do Leitor”, sem paginação fixa no jornal. Assim, as três cartas selecionadas foram publicadas nessa seção no dia 08 de junho de 2013, tendo como objetivo apresentar a opinião dos leitores do jornal sobre um assunto considerado polêmico: a crítica do Papa sobre casais que optam por ter apenas um filho.

No que tange a variável relação, cada carta apresenta a opinião de um leitor diferente (autor): a carta C1 foi escrita por Luiz Eduardo Schmidt, de Porto Alegre/RS; a C2, por Pedro Castelli, de São José do Rio Preto/SP; e a C3, por Daniela Jantsch, de Taquari/RS. Observa-se que a identificação de cada produtor ocorre apenas pelo nome e cidade. Quanto à audiência, é constituída por leitores do jornal Zero Hora que se interessam por assuntos de opinião e, nesse caso, por religião e assuntos sociais (polêmicos). Verifica-se que a distância social entre os participantes é máxima, visto que o emissor (produtor da carta) e o receptor (editoria do jornal) não se conhecem.

Com relação à variável modo, pode-se afirmar que os textos se localizam na seção de opinião do jornal, o canal é gráfico, e o meio é o impresso e, também, sendo publicados na versão online do jornal. O modo de organização textual preponderante é o argumentativo/opinativo, no qual o leitor que escreveu para o periódico expõe seu ponto de vista, posicionando-se sobre o assunto proposto.

Com a delimitação do contexto de situação, verifica-se que esse gênero está inserido no contexto jornalístico e por esse motivo utiliza a função da linguagem Referencial ou Denotativa, de acordo com Jakobson (2005), pois dá ênfase ao assunto. Para Chalhub (1997, p. 10): “a tarefa dominante de numerosas mensagens é organizar os signos em função do referente”, ou seja, requer um contexto a que se refere, conforme diz Jakobson (2005). Assim, referente e contexto respondem a “do

que se fala?”. Em nosso *corpus*, as cartas dos leitores remetem à crítica do papa Francisco aos casais que têm apenas um filho.

Análise textual

Descrito o contexto de situação, parte-se para a segunda parte: a análise textual. No que concerne ao conteúdo, observa-se que os três exemplares selecionados seguem a mesma delimitação do tema: “crítica do papa aos casais que tem apenas um filho”. Assim, esse tema, ao ser apresentado ao leitor na forma de um questionamento, confirma que a carta do leitor cumpre a segunda função da linguagem, por Jakobson (2005), a Função Conativa – pois o jornal quer envolver os leitores (TU) nessa discussão.

Quanto à opinião, apesar das escolhas linguísticas por parte dos produtores das cartas - C1 (“Concordo **em parte**”), C2 (“O papa **tem o direito** de criticar [...]. **Mas**”) e C3 (“O papa Francisco, **há muito tempo, vem criticando** esta ou aquela opção dos seus fiéis”) - todos mais discordam do que concordam com a posição do Pontífice. Dessa forma, utilizaram de modalizadores (destacados na Seção 4) para ratificar sua ideia, como, por exemplo, o uso, em C1, de “acredito que”; em C2, de “tem” e, em C3, de “acredito que”. Esses posicionamentos confirmam a Função Expressiva, pois os leitores-remetentes expressam suas ideias por meio da primeira pessoa do singular (EU).

Ao localizar essas três funções da linguagem, propostas por Jakobson (2005), confirma-se que a carta do leitor está inserida no contexto de jornal/revista e, ao mesmo tempo, corroboram a descrição contextual estabelecida por Halliday (1989), no qual os leitores enviam para a redação dos meios de comunicação um texto com o objetivo de mostrar sua opinião frente a um tema de relevância social.

Ao manifestar suas ideias por meio desse gênero, o produtor da carta faz uso dos fatores de textualidade para elaborar o seu texto. Assim, identificaram-se aspectos linguísticos relevantes quanto a esses fatores: informatividade, situacionalidade, intencionalidade, intertextualidade, aceitabilidade, coesão e coerência (Koch e Travaglia, 1989) e às marcas linguísticas mais recorrentes nos exemplares escolhidos.

Notou-se que o grau de informatividade nessas cartas é baixo; os leitores apenas expressam seu ponto de vista de um tema que está em pauta no momento,

sem apresentar nenhum dado novo. Em função disso, o grau de situacionalidade é alto por, geralmente, abordar um tema polêmico que é relevante no momento: o que leva os casais a terem poucos filhos? Será uma ação egoísta, para manutenção do conforto do casal, ou uma preocupação social, financeira, quanto ao sustento dessas crianças. Com isso, os leitores se identificam com o assunto, querendo se posicionar. Assim sendo, o critério intencional da carta do leitor é alto, pois os produtores querem persuadir o maior número possível de leitores do jornal, a fim de que eles também compartilhem a mesma ideia.

Ao inquirir o leitor a comentar a notícia sobre a opinião do Papa, conforme a matéria “Papa critica casais que têm apenas um filho “por conforto””, publicada em 27 de maio de 2013, no mesmo jornal, percebe-se a presença do critério da intertextualidade. Inclusive, em função disso, o grau de aceitabilidade da carta do leitor pode ser considerado médio, pois é por meio dela que as pessoas podem reagir às opiniões dos missivistas ao contrapor com seus valores, crenças, etc.

A partir da análise desses exemplares, nota-se que dos fatores de textualidade apresentados, apenas a informatividade não é expressiva, pois a principal função da carta do leitor é expor a opinião, utilizando seus argumentos com o intuito de persuadir quem lê o texto e, também, relacionar a um outro texto que já tenha tratado do assunto.

Além desses fatores de textualidade, observou-se que, para tornar o texto coeso e coerente, é necessário o uso de marcas linguísticas. Nas respostas enviadas pelos leitores ao jornal, fica evidente que em C1, o escritor da carta de Porto Alegre utilizou um modalizador do eixo da certeza (acredito que), para defender sua ideia; como operador lógico, usou “e” (adição). Além disso, apropriou-se de operadores argumentativos para reforçar sua tese: “ao mesmo tempo”, “apenas”, “ainda”. Outros marcadores que apareceram no texto foram os índices de avaliação, por meio das palavras “brando” e “duro”.

Já em C2, o escritor da carta paulista utilizou dois modalizadores do eixo da certeza (tem, acho que) para concordar em parte com o papa. Ele também empregou dois operadores lógicos: “pois” (explicação) e “mas” (oposição); e um operador argumentativo (menos).

No último exemplar, C3, a escritora da carta de Taquari usou “há muito tempo” e “apenas” como operador argumentativo; operadores lógicos: “ou”

(alternância), “uma coisa (...) outra coisa” e “mas”; modalizadores do eixo da certeza: “deve” e “acredito que”. Ela também se valeu dos índices de avaliação “mínimo de juízo”; além de uma seleção lexical – verbo “emperrar”.

Dessa forma, a união desses recursos linguísticos, que estão identificados em C1, C2 e C3, instanciou a opinião dos redatores das cartas, expressando seus pensamentos sobre o tema de forma coesa e coerente, o que confirma que o modo predominante nesse gênero é o argumentativo. Igualmente, nota-se que, para atingir esse objetivo, além dos operadores lógicos, as marcas linguísticas mais recorrentes nas cartas do leitor analisadas são os modalizadores - expressos por “acredito que” (C1); “tem”, “acho que” (C2); e “deve”, “acredito que” (C3) - e os operadores argumentativos – “ao mesmo tempo”, “apenas”, “ainda” (C1); “menos” (C2); e “há muito tempo”, “apenas” (C3).

Assim, a escolha por esses elementos linguísticos no texto mostra que para esses leitores a opinião da autoridade religiosa é pertinente pela posição que ocupa, mas eles creditam que cabe a cada família a opção por ter um filho ou mais, devido a todas implicações e particularidades que é criar um filho. Esses modalizadores, operadores lógicos e argumentativos e os índices de avaliação são subsídios para fortalecer a argumentação, estabelecerem relações semânticas (causas, consequências, ...), além de servirem como conectores entre as partes dos textos.

Como se pôde perceber com este estudo, os textos analisados se manifestam por meio de um gênero textual, em um determinado contexto situacional, estabelecendo interação, no sentido de uma relação dialógica – ativa e responsiva – entre a editoria que lançou o tema e os leitores que reagiram à questão proposta. A reação dos leitores realiza-se por meio da exposição das suas opiniões (modo de organização textual argumentativo), tendo em vista a escolha dos recursos linguísticos próprios da argumentação para manifestá-las, justificá-las e atribuir-lhes credibilidade. Essas opiniões, refletem as diferentes perspectivas seja a do Pontífice que prega as determinações da igreja, seja a da família que vê a inviabilidade de segui-la, manifestando o confronto de valores em debate na instância comunicativa desse gênero.

Portanto, tais evidências servem para reafirmar/ corroborar a tese elaborada por Marcuschi (2010, p.19) de que “gêneros textuais são fenômenos

históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social”, podendo, portanto, auxiliar na conscientização e significação da aprendizagem da língua materna na escola.

Implicações da prática de ensino de LP a partir de gêneros textuais

Essa análise reforça a importância do emprego de gêneros textuais como uma forma de fomentar a aprendizagem dos conteúdos da língua materna, contextualizando-os na sociedade, e intensificar a necessidade de atividades que aplicam o conceito à prática no ensino da língua portuguesa. Todo falante nativo sabe sua língua, logo, isso confirma que todos os brasileiros sabem português, têm uma gramática internalizada e a utilizam, inconscientemente, diariamente. Sendo assim, o trabalho do professor, em sala de aula, deve partir desses elementos empregados no dia a dia do aluno e tornar essa aquisição consciente, adequando-os às situações sociais em que se encontra no momento que usa a língua.

As atividades com o gênero carta do leitor envolvem pouco investimento financeiro e são eficientes, pois, com a orientação do professor, o aluno poderá constatar no seu cotidiano que aspectos gramaticais, de compreensão/interpretação de texto e, conseqüentemente, produção textual, são mais simples e prazerosos do que ele imagina. Ao dar uma utilidade e aplicabilidade para os conteúdos, o aluno estará auxiliando a memória e evitando o esquecimento, pois, como mencionou Alves (2001, p. 61), “quanto à ciência que se aprende a partir da vida, ela não é esquecida nunca. A vida é o único programa que deve ser seguido”. Os alunos são tão inteligentes que descartam o que não é necessário, para liberar espaço para assuntos mais interessantes e úteis, então que sejam aproveitados esses espaços utilizando os gêneros textuais. Assim, a carta do leitor, devido à necessidade de concisão, é um gênero complexo em significados, oportunizando a exploração de aspectos da língua que são desconsiderados na gramática tradicional.

Outrossim, o desenvolvimento de atividades que contemplem o ensino da gramática relacionado com aspectos contextuais na perspectiva de gêneros textuais aparece como alternativa para apropriação da língua. Assim, uma proposta de estudo da língua portuguesa a partir da carta do leitor pode auxiliar os professores e os alunos no reconhecimento de termos modalizadores, índices de avaliação, operadores lógicos e argumentativos, auxiliando na conscientização de elementos

da língua que o aluno já domina inconscientemente. Além disso, a partir do estudo desse gênero, podem-se trabalhar as funções da linguagem, tão necessárias para que a comunicação realmente se efetive e cumpra a sua função social; os tipos textuais e os elementos de textualidade envolvidos na produção textual. Através da aplicação pragmática desse gênero, o aluno aprende a expressar, eficientemente, suas opiniões pessoais a fim de convencer outras pessoas.

Pontua-se a necessidade de se cumprirem os conteúdos gramaticais previstos no programa de ensino escolar. Entretanto, o foco principal das aulas é menos as nomenclaturas da gramática normativa e mais o comportamento linguístico em diversas situações de interação social (OLIVEIRA, 2010).

Portanto, em função das características do gênero carta do leitor apresentadas nesta análise, o professor pode solidificar conceitos estudados pelos alunos em sala de aula e representá-los nas situações do cotidiano, possibilitando, por exemplo: 1) o uso dos marcadores da argumentação, esclarecendo e mostrando na sentença sua importância na exposição de um ponto de vista; 2) o reconhecimento da situação comunicativa e da que forma linguística que manifesta uma opinião textualmente; 3) a relação entre a organização textual e o propósito social do gênero; 4) a relação desse com outros gêneros textuais na cadeia comunicativa midiática, no caso, entre a carta do leitor e uma reportagem, um editorial, uma charge.

A partir de análises como essa, é possível elaborar propostas de aplicação didática para estudo da língua portuguesa usada em gêneros textuais como a carta do leitor no contexto escolar.

Considerações finais

Este trabalho objetivou apresentar subsídios teóricos e metodológicos para leitura e análise de exemplares de carta do leitor em aulas de português, seguindo as orientações dos PCN (Parâmetros Curriculares Nacional) de emprego dos gêneros nessas aulas, a fim de fornecer aos professores uma alternativa eficiente e econômica para aliar teoria à prática.

De acordo com Bakhtin (2003), a palavra está carregada de um conteúdo, um sentido ideológico, formando textos que dependem de um contexto. Assim, a análise do contexto, de acordo com Halliday (1989), mostrou que nesses

exemplares a variável campo tem como objetivo expressar a reação dos leitores relativos a um assunto proposto pela editoria do jornal; a variável relação está composta pelos produtores das cartas, os editores e os leitores do jornal com o propósito/intenção de manifestar opinião, criando uma relação de empatia entre quem escreve e quem lê. Quanto a variável modo, as cartas localizam-se na seção de opinião, o canal é gráfico, podendo ser impresso ou digital. Sendo assim, o estudo do gênero carta do leitor pode ser um instrumento que apresenta as variáveis contextuais da língua, exemplificando o que todo texto precisa: de um gênero textual, de uma finalidade, de interlocutores e de um meio de circulação.

Na análise textual, identificaram-se aspectos linguísticos relevantes quanto aos fatores de textualidade (informatividade, situacionalidade, intencionalidade, intertextualidade, aceitabilidade, coesão e coerência), com base em Koch e Travaglia (1989) e às marcas linguísticas mais recorrentes nos exemplares escolhidos, demonstrando que são elementos indispensáveis à clareza, precisão e objetividade do discurso. Resumidamente, o grau de informatividade desses textos é baixo; o grau de situacionalidade é alto; o fator intencionalidade é alto; a intertextualidade está presente; o grau de aceitabilidade pode ser considerado médio. Para divulgar suas opiniões de forma coesa e coerente, os produtores empregaram marcas linguísticas como modalizadores, operadores lógicos e argumentativos e índices de avaliação.

Assim, a visualização desses elementos, especialmente dos marcadores argumentativos, em um gênero conciso, facilita a compreensão de sua função sem precisar de rótulos, como recomenda a gramática normativa, e reforça que é possível unir a teoria gramatical ao seu emprego na fala e na escrita. Igualmente, a análise dos fatores de textualidade colabora para compreender a constituição do texto não apenas como uma sequência de frases, mas como usos da linguagem com propósito opinativo.

A partir dessa perspectiva de estudo, espera-se que a aprendizagem de português se torne um processo mais dinâmico e interessante aos alunos. Pois, por meio dos gêneros, é possível visualizar na prática as teorias, internalizando os conceitos concebidos em sala de aula. Ao mesmo tempo, intenciona-se que este trabalho fomente mais estudos sobre gêneros textuais, de modo a reunir subsídios contextuais e linguísticos para estimular a aplicação de textos pertencentes a

diferentes gêneros em aulas de língua portuguesa.

Referências

ALVES, R.. **A escola que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir**. Campinas,SP: Papyrus, 2001.

ANTUNES, I. C. **No meio do caminho tinha um equívoco**: Gramática, tudo ou nada. In: BAGNO, M. [org]. *Linguística da Norma*. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

BAGNO, M. **Preconceito Lingüístico**: o que é, como se faz. 49 ed. São Paulo: Loyola, 2007.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1929].

BEZERRA, M. A. **Por que cartas do leitor na sala de aula?** In:DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A.. *Gêneros textuais e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**. Secretaria de Educação Fundamental. Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CHALHUB, S. **Funções da Linguagem**. 8ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1997.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Language, context and text**: Aspects of language in a social-semiotic perspective. Oxford: Oxford University Press, 1989.

Instituto Paulo Montenegro e Ação Educativa mostram evolução do alfabetismo funcional na última década. Disponível em: http://www.ipm.org.br/ipmb_pagina.php?mpg=4.02.01.00.00&ver=por. Acesso em:21 jun. 2013.

JAKOBSON, R. **Linguística e Comunicação**. São Paulo: Cultrix, 2005.

KOCH, I.; TRAVAGLIA, L. C. **Texto e Coerência**. São Paulo: Cortez, 1989.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais**: definição e funcionalidade. In:DIONÍSIO, A. P.; MACHADO,A R.; BEZERRA, M. A.(Orgs.) *Gêneros textuais e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MELO, C. T. V. de. **"Cartas a redação"**: uma abordagem discursiva. Campinas, SP: 1999. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000188701&fd=y>. Acesso em: 24 jun. 2013.

MILLER, C. R. **Genre as Social Action**. In: *Quartely Journal of Speech*, 70 (1984), 151-167. Disponível em: <http://www4.ncsu.edu/~crmiller/Publications/MillerQJS84.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2013.

OLIVEIRA, L. A. **Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PALTRIDGE, B. (2006). **Discourse analysis: an introduction**. Disponível em: http://books.google.com.br/books?id=iDOqPB4VZaYC&pg=PA82&dq=genre%2Bletter+to+the+editor&hl=pt-BR&ei=70XMTuiKA4r30gHk_vwB&sa=X&oi=book_result&ct=result&sqi=2&redir_esc=y#v=onepage&q=genre%2Bletter%20to%20the%20editor&f=false. Acesso em: 20 jun. 2013.

Recebido em 01 de março de 2015
Aprovado em 05 de abril de 2015